

# A técnica vocal na formação de regentes: um relato de experiência no curso Regência de Coro do PRONATEC nos anos de 2012 a 2014 na EMUFRN

*Thaise Cristina M. Matias*

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

thaise\_cris@yahoo.com.br

## Comunicação

**Resumo:** A finalidade desta comunicação é descrever, de forma reflexiva, o relato de experiência das aulas ocorridas na disciplina Técnica vocal aplicada ao coro, realizado no curso Regência de Coro, promovido pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC) e patrocinado pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMUFRN). As aulas foram ministradas para três turmas nos anos de 2012 a 2014 fazendo uma abordagem no que nominamos de os quatro pilares da técnica vocal (postura, respiração, ressonância e articulação). Utilizamos a pesquisa de natureza qualitativa com objetivo de descrever, observar e compreender o processo das aulas que acabaram culminando na realização dos recitais. Os instrumentos de coleta de dados se deram por meio da pesquisa bibliográfica, documental, entrevistas e observação participante do pesquisador. Ao final das edições do curso, pudemos constatar que o desempenho dos alunos foi muito positivo, visto que a maioria ingressou com pouca ou nenhuma experiência com Técnica Vocal e o desenvolvimento da voz.

**Palavras chave:** Técnica vocal. Canto Coral. PRONATEC.

## 1. Introdução

A presente comunicação é um recorte de um trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Neste trabalho é descrito de forma reflexiva o relato de experiência das aulas ocorridas nas turmas de Regência de Coro do PRONATEC, mais especificamente, na disciplina Técnica vocal aplicada ao coro. As aulas às quais serviram de base para a elaboração desse artigo foram ministradas em três das edições do curso de 2012 a 2014. Por meio de conversas informais durante as primeiras aulas de 2012 e de um questionário aplicado no início das aulas em 2013 e 2014 constatamos que os participantes possuíam uma ideia superficial sobre Técnica Vocal. Havia um conhecimento primário do funcionamento do próprio corpo e pouco entendimento do aparelho vocal para a

obtenção de uma qualidade vocal satisfatória na prática de cantar. Essa constatação nos deu subsídios para que pudéssemos nos aprofundar sobre esse problema tentando compreendê-lo de forma fundamentada em práticas já sedimentadas de técnicas vocais aplicadas ao coro.

Em muitos dos casos, boa parte dos regentes de coros também realizam a preparação vocal, mas nem sempre essa atividade é encarada como algo prioritário pelo regente em seus ensaios como atividades práticas. Talvez esse fato se dê pela falta de conhecimento técnico a respeito da própria voz, da ausência da prática do cantar, dentre outros. A falta de conhecimento sobre Técnica vocal, portanto, traz consequências que causam complicações na formação técnico-vocal dos coristas e influenciam na execução do repertório.

Segundo Coelho (1999), Hauck-Silva (2012) e Oliveira, M., e Oliveira, J. (2005) uma prática de Técnica vocal bem executada, beneficiará a performance do grupo no que se refere à sonoridade uniforme, afinação, estilo, dinâmicas, bem como no aspecto vocal dos coristas. Além de proporcionar aos integrantes do grupo um maior conhecimento sobre o funcionamento do corpo como instrumento musical, capaz de produzir um som saudável de maneira confortável.

No percurso metodológico utilizamos a pesquisa de natureza qualitativa com objetivo de descrever, observar e compreender o processo das aulas na realização dos recitais; percurso que foi da elaboração do plano de curso até a execução das aulas ministradas. Os instrumentos de coleta de dados se deram por meio da pesquisa bibliográfica, documental e observação participante do pesquisador.

A seguir, abordaremos aspectos sobre a Técnica vocal, o contexto de ensino PRONATEC, a implantação do curso Regência de Coro promovido pela EMUFRN e a descrição da experiência docente, desde a elaboração do plano de curso da disciplina até o percurso metodológico das aulas teóricas e práticas nas três edições.

## 2. Abordagem sobre Técnica Vocal

O corpo produz a voz, dessa maneira, é necessário conhecer os mecanismos inerentes à produção vocal para que se obtenha um bom desempenho na execução de um repertório

proposto. Assim, o que seria técnica? Behlau e Rehder (2009, p. 32) entendem técnica “[...] como aprendizado, treinamento e desenvolvimento de habilidades [...]”. Abordaremos a Técnica Vocal com enfoque no aprendizado, no treinamento e no desenvolvimento, voltados para a habilidade do cantar.

O cantor deve se conscientizar da importância dos **princípios de base** da técnica vocal e usar do *feed back* de sua voz, já que ela é o resultado de um comportamento adquirido com a ajuda de uma atividade muscular determinada e das diferentes sensações que são a base desta técnica (DINVILLE, 2008, p. 35, grifo nosso).

E quais seriam esses princípios de base da técnica vocal? Em boa parte das referências que tratam sobre esse tema, é consenso a relevância dos aspectos referentes a postura, respiração, ressonância e articulação. Com base neles, faremos uma abordagem que denominamos os quatro pilares da Técnica vocal.

Durante o trabalho com a postura “[...] a posição ideal para cantar é em pé e com as pernas ligeiramente entreabertas, assegurando equilíbrio [...]”<sup>1</sup> (JARABA, c1989, p. 144, tradução nossa). Quando cantamos o instrumento a ser executado é o próprio corpo, por isso a importância da consciência da noção de uma postura correta.

FIGURA 1 – Primeira postura demonstra lordose; a segunda, a cifose e, na terceira, o que se considera como postura ideal.

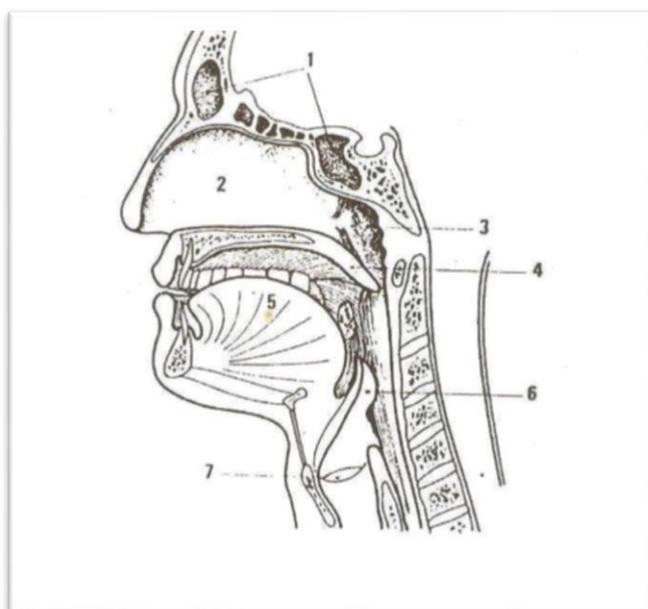
---

<sup>1</sup> [...] la posición ideal para cantar es em pie y com as piernas ligeiramente entreabiertas, assegurando el equilibrio [...] (JARABA, c1989, p. 1444).



As vibrações do ar nas pregas vocais são modificadas nas fossas nasais que é a cavidade de ressonância principal do nosso corpo. Os principais meios ressonadores encontram-se nas cavidades da cabeça e do peito.

FIGURA 3 – As cavidades de ressonância<sup>3</sup>



Fonte: Dinville (2008, p. 26).

A abordagem sobre a articulação tem como objetivo principal proporcionar uma boa dicção e, por consequência, maior clareza na compreensão dos textos que são cantados. Portanto, o domínio sobre a articulação torna-se imprescindível para um bom resultado técnico-musical. Basicamente, o trabalho de articulação consiste na compreensão dos mecanismos de emissão de consoantes e vogais.

<sup>3</sup> 1. Sinus; 2. Fossas nasais; 3. Cavum; 4. Veú Palatino; 5. Língua; 6. Epiglote; 7. Cordas vocais



O PRONATEC tem possibilitado a oportunidade de jovens e trabalhadores de baixa renda participar de cursos gratuitos, sem nenhum custo, em áreas tecnológicas e especializadas. Várias instituições competentes e de tradição educacional profissional firmaram essa parceria com tal programa e a EMUFRN foi uma delas.

### **3.1 O curso Regência de Coro na EMUFRN**

O curso Regência de Coro foi contemplado pela Portaria nº 899, de 20 de setembro de 2013 (BRASIL, 2013) no eixo tecnológico Produção Cultural e Design. O papel deste curso é fazer com que o participante possa reger, ensaiar e dirigir artisticamente grupos vocais de diferentes naturezas e formações; assim como obter as noções do funcionamento do aparelho vocal e sua importância e utilização num coro.

Para isso, foi organizada uma grade curricular na qual o ano de 2012 foi contemplado com uma carga horária de 180 horas e nos anos de 2013 e 2014 de 200 horas. Nela constava as disciplinas de Linguagem e estruturação musical; Ateliê de Regência de Coro; Técnica vocal aplicada ao coro e preparação de Recital.

As aulas ocorriam no prédio da EMUFRN em uma sala ampla, climatizada, com cadeiras para todos os alunos. Recursos como piano, quadro branco, projetor de vídeo, dentre outros estavam disponíveis na sala de aula para uso - o que facilitou o processo de ensino e aprendizagem das três turmas.

#### **3.1.1 Caracterização das turmas de 2012 a 2014**

Para que fosse possível planejar as atividades didáticas e adequar a metodologia ao público, sentimos necessidade de conhecer um pouco mais sobre esses alunos. Sendo assim, em 2012, coletamos informações a respeito das experiências musicais, por meio de conversas informais durante as primeiras aulas. As informações obtidas foram insuficientes para elaborar estratégias metodológicas eficazes. Passada essa experiência, nos anos de 2013 e 2014, elaboramos um questionário que nos daria informações mais precisas sobre os alunos. Nele,

havia perguntas que iam desde a idade às experiências musicais, assim como a respeito; do que se entendia por Técnica vocal às expectativas quanto ao Curso.

Em resumo, todas as três turmas apresentavam características bem heterogêneas nos quesitos: faixa etária, conhecimento teórico-musical e prática de Canto em coro – seja ele em que modalidade fosse (igreja, empresa, escola, etc.). Sobre a preparação vocal de um coro, as turmas possuíam conhecimento mínimo no que se refere à aplicação da Técnica vocal. Assim, de acordo com essa realidade, o grande desafio seria fazer com que esse conteúdo fosse compreendido.

### 3.2 Experiência Docente

As aulas da disciplina Técnica vocal aplicada ao coro ocorreram em distintos períodos de 2012 a 2014. Em cada ano, procuramos pautar nossa prática tomando como ponto de partida o que chamamos **os quatro pilares da técnica vocal** (postura, respiração, ressonância e articulação), que foram os principais assuntos norteadores das aulas.

A primeira etapa do trabalho foi a elaboração do plano de Curso da disciplina a pedido da supervisão Acadêmica da equipe PRONATEC. Procuramos dar prioridade às referências que abordassem a Técnica vocal no coro. Uma das mais importantes foi o livro Técnica vocal para coros de Coelho (1999). Há um reduzido número de publicações em português que falam sobre Técnica vocal para coro. Silva; e Figueiredo (2015) realizaram um panorama das publicações de Anais de Encontros e Congressos da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) e da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM) dos últimos dez anos (2003 – 2013) que tratavam sobre a Prática coral. Sendo assim, mapearam as temáticas encontradas nessas publicações com objetivo de descrever o que vinha sendo produzido e publicado sobre o Canto Coral.

No levantamento realizado, foi possível comprovar que o número de trabalhos sobre preparação vocal é reduzido, quando comparado a outras temáticas (SILVA; FIGUEIREDO, 2015). Com isso, tivemos que mesclar conteúdo de Técnica vocal voltado para cantores solistas como o livro *A Técnica da Voz Cantada de Dinville* (2008).

Diante da realidade dos alunos e de seus conhecimentos prévios em Técnica vocal (coletados no questionário), optamos por um processo pedagógico no qual a conexão entre teoria e a prática fosse reforçada. O processo metodológico foi feito da seguinte forma: a aula era dividida em duas partes.

A parte prática viria na primeira etapa da aula cujo objetivo era fazer com que os alunos de Regência se envolvessem com o momento de **Preparação vocal** de um coro. Pedíamos para que os alunos ficassem de pé num grande círculo e assim era possível manter um contato visual com todos. Realizávamos uma sequência de exercícios com base nos pilares da Técnica vocal. As devidas instruções e observações eram feitas de imediato, principalmente, no caso em que o aluno executasse incorretamente alguma postura ou movimento.

A segunda parte da aula contemplaria a teoria. Sentávamos em círculo e discutíamos sobre um texto. A escolha do tema abordado era específica para contemplar o conteúdo do plano de Curso. Os alunos estariam à vontade para discutir, questionar, tirar dúvidas e refletir sobre o assunto. Para facilitar o entendimento sobre cada tema abordado em referência à Técnica vocal, utilizamos, entre outras coisas, vídeos, áudios e imagens no projetor de vídeo. A seguir, veremos a sequência metodológica com algumas das atividades realizadas.

### 3.2.1 Primeira parte da aula

Iniciávamos com o ajuste da **postura**. Pedíamos para que os alunos ficassem em círculo, todos de pé em posição ereta. A importância de “Descarregar todo o peso do corpo [...] sob a planta dos pés, e sentir-se leve para si mesmo” (COELHO, 1999, p. 20) era uma consciência corporal de que buscávamos lembrar em todas as aulas. Ainda nessa posição, alternávamos pé direito no chão e o pé esquerdo levemente elevado realizando movimentos circulares com o tornozelo e vice-versa. Depois, fazíamos movimento circular com o quadril. Girávamos toda a parte do tronco superior levemente para a direita e, em seguida, para a esquerda. Elevávamos os ombros em direção às orelhas, permanecíamos assim por alguns segundos e retornávamos os ombros à postura inicial. Nesse último exercício, inspirávamos no momento em que direcionávamos o ombro às orelhas, e, ao retornarmos à postura inicial,

expirávamos com um suspiro emitindo a vogal [a]. Girávamos o pescoço à direita, à esquerda, para baixo e para cima, bem devagar (BRETANHA, 1986; COELHO, 1999).

Ativávamos os músculos da face com a ponta dos dedos, do queixo à testa fazendo movimentos de baixo para cima. Na finalização, fechávamos esse momento com um exercício de “[...] ativar o corpo [...]” (ANDERSON, 1983 apud COELHO, 1999, p. 28). Subíamos nossos braços como se quiséssemos tocar o teto, inspirando pelo nariz, e, ao chegar em cima, deixávamos o corpo cair completamente da cintura para baixo, expirando pela boca. Permanecíamos embaixo por alguns segundos e retornávamos (à postura ereta) lentamente expirando pela boca. Esse era um tipo de exercício que nem todos podiam executar. Principalmente aqueles que sofriam problemas na coluna vertebral. Portanto, era necessário perguntar aos participantes quem teria condições de fazê-lo.

Outras variações de movimento foram também exploradas como: Olhar para os pés e executar movimento de **não** e, em seguida, de **sim**, depois com o olhar ao horizonte executar o mesmo movimento (MARSOLA; BAÊ, 2001); fazer caretas; bocejar para relaxar os músculos da face; espreguiçar-se.

Após algumas aulas em que os alunos já estavam mais familiarizados com os exercícios iniciais e à vontade com o próprio corpo, propusemos uma dinâmica de posicionamento do corpo no espaço físico que dispúnhamos. Pedíamos para que os alunos caminhassem livremente pela sala, explorassem o espaço, sentindo o peso do corpo equilibrado nos dois pés. Ao nosso comando, daríamos um sinal e todos deveriam parar onde estivessem. Nesse momento questionávamos sobre o que eles viam. Eles respondiam que no espaço havia aglomerados de pessoas em pontos da sala. O espaço não estava preenchido de forma uniforme.

Mediante essa situação, discutíamos a importância de se manter um “[...] equilíbrio dinâmico e maleável na ocupação dos espaços e dos movimentos próprios e do grupo [...]” (COELHO, 1999, p. 28). Reforçávamos a necessidade de eles terem confiança em si mesmos e de saberem expressar essa condição. Novamente pedíamos para que eles andassem pelo espaço e, quando foi dado o comando para que parassem, eles estavam bem mais distribuídos

no espaço, mais conectados enquanto grupo, com uma postura que demonstrava disponibilidade e confiança.

Após a consciência de uma postura adequada, com o corpo flexível e em prontidão, partíamos para o trabalho com a **respiração**. Dessa maneira, fizemos o uso de analogias com situações do cotidiano para facilitar o entendimento da proposta dos exercícios.

Nessa proposta, realizamos perguntas relacionadas ao tipo de som que produzimos quando queremos pedir silêncio e, automaticamente, eles emitiam o som das consoantes [s] ou [x]. O exercício era executado da seguinte maneira: inspiração em um tempo e expiração com a letra [s] ou [x], sustentando 10, 15 e 20 segundos. Depois, o realizávamos com a emissão curta. Esse exercício tem como finalidade o controle e a consciência da entrada e da saída do ar (BRETANHA, 1986; COELHO, 1999; HAUCK-SILVA, 2012; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2005). Orientávamos para que essa sustentação do som fosse executada de modo regular, sem exercer um esforço laríngeo inadequado.

Nas primeiras aulas percebemos que, ao inspirar, os alunos elevavam o peito. Esse movimento além de contrair, sem necessidade, o tronco, deixava a inspiração muito ruidosa.

Para aguçar ainda mais a percepção do corpo sugerimos exercícios que envolvessem respiração e a noção de apoio<sup>4</sup>. Esses exercícios são baseados na consciência e controle da musculatura intercostal e abdominal. No exercício proposto para o controle do ar, emitíamos o som do [f] como se fôssemos apagar uma vela, executado usando o impulso vindo do centro do corpo (BRETANHA, 1986; COELHO, 1999). No início foi difícil os alunos se acostumarem com essa sensação, mas, aos poucos, foram automatizando esses movimentos.

No terceiro pilar que é a **ressonância**, para ativar a musculatura da face fazíamos exercícios como: “Abrir a boca e os olhos com ar de surpresa” (COELHO, 1999, p. 54). Depois acrescentávamos uma variação que se executava dessa forma: após o gesto facial de surpresa, emitíamos a vogal [o] numa emissão prolongada.

Ao fazer o exercício em *bocca chiusa* – boca fechada – optávamos em fazer uma analogia desse exercício com algo do cotidiano deles. Perguntávamos qual era o som que eles

---

<sup>4</sup> Quando nos referimos ao controle da respiração e ao equilíbrio entre a sustentação da coluna de ar, as pregas vocais e a emissão sonora.

faziam ao sentir o cheiro de uma comida gostosa. Eles logo respondiam com o som onomatopaico: Hum. Reproduzíamos esse som explorando alturas diversas, de forma suave, procurando não forçar a região laríngea. Esse é um recurso que auxilia os coralistas a promover “[...] uma mudança natural da voz falada para a voz cantada” (DANIEL, 1996 apud HAUCK-SILVA, 2012, p. 116). Também executávamos a vibração bilabial realizando *glissandos*.<sup>5</sup>

A **articulação** vocal é o último pilar a ser trabalhado. A voz “[...] lida com um elemento que nenhum instrumento musical dispõe: o texto. [...] Este aspecto deve ser valorizado e posto a serviço da expressão musical do coral” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2005, p. 37).

Para conseguirmos uma boa articulação é necessário a execução de exercícios que ajudem a fortalecer a tonicidade muscular da face. Nesse sentido, são utilizados exercícios com as diversas consoantes e com as vogais. Segundo Dinville (2008, p. 48, grifos do autor) “[...] algumas destas letras facilitam o cuidado extremo com o *legato* – que é uma sensação de continuidade, de *encadeamento* das sonoridades. São as consoantes nasais (m, n, nh) e as consoantes sonoras”<sup>6</sup>. Por perceber que boa parte dos alunos apresentava a dificuldade em manter o local da ressonância durante a articulação, procurávamos utilizar esses fonemas na elaboração e execução dos vocalizes.

O trabalho de articulação com as vogais foi pensado para desenvolver a percepção da vibração dos sons produzidos nas cavidades de ressonância. Nos exercícios, utilizamos as seguintes vogais a, é, ê, i, ó, ô, u. (MARSOLA; BAÊ, 2001; CHAN; CRUZ, 2001).

Alguns dos principais vocalizes foram feitos em sua maioria com as consoantes nasais e as vogais, em graus conjuntos, numa escala de cinco notas, exemplo: Ma, Mé, Mi, Mó, Mu. Realizávamos os exercícios também com variação com a finalidade de ampliar o trabalho de pronúncia das vogais e manter o equilíbrio da ressonância na articulação das sílabas, como por exemplo: Ma, Mé, Mi, Mó, Mú, Mô, Mi, Mê, Ma. Além desses exercícios, outras variações e modelos de articulação vocal foram realizados, visando uma maior abrangência de prática e aprendizado.

---

<sup>5</sup> “É um ornamento [...] que consiste no deslizamento rápido entre duas notas reais” (MED, 1996, p. 327).

<sup>6</sup> L, r, b, d, v, j, z, g (DINVILLE, 2008, p. 48).

### 3.2.2 Segunda parte da aula

Nesse momento realizávamos a leitura e discussão de textos a fim de fazer com que os alunos assimilassem e reforçassem a reflexão a respeito do corpo como um instrumento musical, apresentando os seguintes temas: A voz do regente como instrumento de trabalho; Importância da Técnica vocal; Relaxamento /Aquecimento / Postura Corporal; Respiração e noção de apoio; Ressonância; Articulação; Qualidades da voz; Classificação vocal; Higiene vocal; Vocalizes.

### 3.2.3 Preparação para o Recital

A Supervisão Pedagógica lançou-nos o desafio, em meados de outubro de 2012, de tentar realizar um recital. Nós, professores, aceitamos a proposta. Acharmos que seria uma oportunidade de colocar em prática todas as técnicas aprendidas durante o Curso. Muitas das canções que foram utilizadas nas aulas práticas de regência foram aproveitadas para o Recital. Nos anos de 2012, 2013 e no primeiro semestre de 2014 o repertório abrangeu canções como *Mulher Rendeira*, *Eu só quero um xodó* e *Araruna*. No segundo semestre do ano de 2014, cada participante escolheu uma canção para apresentar no final deste ano. Assim, eles ficaram motivados a desenvolver suas práticas na Regência e na Técnica vocal, a partir das suas escolhas. Boa parte das canções escolhidas estava relacionada ao contexto de atividade musical deles. Os recitais nas três edições foram realizados, em boa parte, com a participação dos alunos. Produzindo, cantando, tocando e regendo.

## 4. Considerações finais

Essa comunicação descreve um relato de experiência ocorrido nas turmas de Regência de Coro do PRONATEC, mais especificamente na disciplina Técnica vocal aplicada ao coro.

No período que abrangeu as três edições em que ministramos as aulas de Técnica vocal, identificamos que boa parte dos alunos não sabiam sobre o tema, muito menos de sua utilidade. Os poucos alunos que já possuíam alguma experiência na área da Regência não encaravam o conhecimento vocal como algo prioritário; muitas vezes pela falta de

conhecimento técnico da própria voz e, também, por causa do pouco, ou quase nenhum, acesso à literatura sobre esse assunto.

Por meio das informações obtidas e das práticas de Técnica vocal realizadas nas aulas, nos deparamos com dificuldades relacionadas à concepção do corpo como instrumento musical. Nesse sentido, procuramos enfatizar os princípios do funcionamento do corpo no processo fonatório com base nos quatro pilares (postura, respiração, ressonância e articulação) da Técnica vocal.

Durante o percurso da aprendizagem, os alunos percebiam o progresso do aprendizado tanto nas aulas como nos ensaios e, nos Recitais, comprovavam a eficácia dessa atividade pelo resultado adquirido. Observá-los e orientá-los nesse processo de descobertas foi fundamental para que chegássemos aos Recitais com repertórios bem executados. Assim, pudemos comprovar que o desempenho deles foi muito positivo.

## Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 12.513, de 26 de outubro de 2011. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, ano 148, n. 207, 27 out. 2011. Seção 1, p.1. Disponível em:  
<<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=27/10/2011>>. Acesso em: 24 agosto 2017.

\_\_\_\_\_. Portaria nº 899, de 20 de setembro de 2013. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 set. 2013b. Seção 1, p. 50-655. Disponível em:  
<<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=23/09/2013&jornal=1&pagina=650&totalArquivos=752>>. Acesso em: 24 agosto 2017.

BASTOS, Fernando de Souza. **Manual de procedimentos para o PRONATEC Campus UFV – Florestal**. Viçosa, MG, 2014. Disponível em: <  
<http://www.cedaf.ufv.br/pronatec/anexos/pagina/arquivos/2431229.pdf>> Acesso em: 29 de jun de 2017.

BEHLAU, Mara; REHDER, Maria Inês. **Higiene vocal para o canto coral**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Revinter, c2009.

BRETANHA, Célia. Técnica vocal. In: MATHIAS, Nelson. **Coral: um canto apaixonante**. Brasília: Musimed, 1986. p. 36-64. (Série Musicologia, 9).

CASSIOLATO, Maria Martha M. C; GARCIA, Ronaldo Coutinho. **Texto para discussão: PRONATEC: múltiplos arranjos e ações para ampliar o acesso à educação profissional**. Rio de Janeiro: IPEA, 2014. Disponível em: <  
[http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2406/1/TD\\_1919.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2406/1/TD_1919.pdf)> Acesso em: 29 de jun 2017.

CHAN, Thelma; CRUZ, Thelmo. **Divertimentos de corpo e voz: exercícios musicais**. São Paulo: Ed. Do autor, 2001.

COELHO, Helena de Souza Nunes Wöhl. **Técnica vocal para coros**. 4. Ed. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1999. (Estudos Musicais, 2)

DINVILLE, Claire. **A técnica da voz cantada**. Tradução: Marjorie B. Courvoisier. 2. Ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2008.

HAUCK-SILVA, Caiti. **Preparação vocal em coros comunitários: estratégias pedagógicas para a construção vocal no Comunicantus: Laboratório Coral do Departamento de Música da ECA –**

USP. 2012. 179 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em: <  
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27158/tde-07032013-143458/pt-br.php>>.  
Acesso em 29 de jun 2017.

JARABA, Miguel Angel. **Teoria y práctica del canto coral**. Madrid: Istmo, c1989. (Colección Fundamentos, 102).

MARSOLA, Mônica; BAÊ, Tutti. **Canto: uma expressão: princípios básicos de técnica vocal**. São Paulo: Irmãos Vitale, 2001.

MYER, Billi. **Vocal basics: der weg vom Sprechen zum Singer**. 2. Ed. Brühl, DE: AMA verlag GmbH, 1997.

MED, Bohumil. **Teoria da música**. 4. ed. Brasília: Musimed, 1996. (Musicologia, n. 17).

OLIVEIRA, Marilena de; OLIVEIRA, José Zula de. **O regente: regendo o quê?** São Paulo: Lábaron, 2005.

SILVA, Eduardo Luiz; FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. Prática coral: um panorama das publicações de anais de encontros e congressos da ABEM e ANPPOM dos últimos dez anos (2003-2013). In. CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 22., 2015, Natal, RN. **Anais eletrônicos...** Natal, RN: EMUFRN, 2015. Não paginado. Disponível em: <  
<http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/xxiicongresso/xxiicongresso/paper/view/1092/508>> . Acesso em 29 de jun 2017.

